

## **GÊNEROS ORAIS E ENSINO: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOCENTES**

Darlene Ribeiro da Silva Andrade (UNICAP)<sup>1</sup>  
*andrade.darlene@gmail.com*

**RESUMO:** O tratamento do ensino com “gêneros textuais” em salas de aula no contexto brasileiro, passou a ser frequentemente utilizado após os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a partir das discussões em torno dos gêneros textuais, em especial, orientadas pelos estudos em Ciências da Linguagem e em Linguística. As pesquisas como as de Bakhtin (1997), Marcuschi (2002, 2008), Bezerra (2017), Dolz e Schneuwly (2011), Bawarshi e Reiff (2013) vêm propiciando um avanço, no que diz respeito ao ensino da língua falada e escrita na escola baseada na abordagem de gêneros textuais. A proposta deste trabalho é fazer uma análise das práticas docentes no ensino e no desenvolvimento da oralidade e dos gêneros orais nas diversas disciplinas escolares. O tratamento metodológico faz-se a partir da análise de um questionário respondido por 15 professores sobre o ensino da oralidade e dos gêneros orais nas práticas docentes. A discussão teórica fundamenta-se nos trabalhos de Marcuschi (1997, 2001), Dolz e Schneuwly (2011) e Antunes (2009) entre outros. O corpus de análise mostrou que apesar do ensino da oralidade se mostrar presente nas práticas docentes na maioria das disciplinas do ensino médio, ainda há uma concepção superficial das práticas de produção oral no ensino.

**Palavras-Chave:** Oralidade. Gêneros orais. Ensino.

### **1 INTRODUÇÃO**

Em busca de refletir sobre as práticas da oralidade não apenas na disciplina de Língua portuguesa mas em todas as disciplinas do ensino médio é necessário considerar que o ensino da habilidade oral funciona como objeto de inserção do aluno no mundo discursivo, em práticas letradas e cidadãs, desenvolvendo no aluno a capacidade de usar a língua nos mais diversos contextos comunicativos, sendo portanto, responsabilidade de todas as disciplinas no contexto escolar o desenvolvimento dessa modalidade da língua.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco. Membro do grupo do CNPq, intitulado Gênero, Texto e Ensino constituído no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Recife – PE. Agradeço ao PROSUC/CAPES a bolsa com a qual estou me especializando em nível de Mestrado e desenvolvendo pesquisas voltadas para o estudo dos gêneros textuais como prática social.

O ensino da oralidade é um dos eixos propostos pelos documentos que norteiam o ensino básico brasileiro como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) e pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017). O que nos chama a atenção para a proposição desse estudo é que a BNCC traz em suas quatro áreas de conhecimento a ênfase na produção oral. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é fazer uma análise das práticas docentes no ensino e o desenvolvimento da oralidade e dos gêneros orais nas diversas disciplinas escolares, uma vez que a linguagem permeia as diversas áreas do conhecimento e tanto a língua falada quanto a língua escrita deve ser desenvolvida no contexto escolar de aprendizagem. Para esse estudo, levantamos a seguinte questão, a fim de nortear a pesquisa: Os docentes das diversas áreas do conhecimento reconhecem não só a importância do ensino da oralidade, bem como planejam as aulas dando ênfase ao desenvolvimento da linguagem oral em sua disciplina?

Para tanto, fundamentados na perspectiva teórica de Marcuschi (1997, 2001), Dolz e Schneuwly (2011) e Antunes (2009) buscamos, inicialmente, situar teoricamente a oralidade como modalidade da língua a ser desenvolvida no ensino, e, portanto, enfatizada nos documentos norteadores da educação básica brasileira. Para, então, analisar a concepção dos professores do ensino médio, utilizando como instrumento de pesquisa a aplicação de um questionário *online*.

O artigo está organizado da seguinte forma: primeiro, abordaremos as concepções de oralidade e algumas reflexões para o ensino. Em seguida, se fazem necessárias algumas considerações a respeito dos gêneros textuais, especificamente, os gêneros orais e o papel da escola e dos professores. Por fim, analisamos as respostas dadas ao questionário enviado para 15 professores de várias disciplinas do ensino médio que atuam em uma escola da rede privada de ensino. Assim, esperamos contribuir para o avanço e possíveis desdobramentos de estudos sobre as práticas docentes para o ensino da oralidade.

## 2 ORALIDADE: ALGUMAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS E REFLEXÕES PARA O ENSINO

Antes de começarmos a refletir sobre algumas questões pertinentes ao ensino da oralidade, termo que, para Marcuschi (2001), “diz respeito a todas as atividades orais no dia a dia”, cabe trazer para este estudo algumas definições teóricas em torno do objeto de estudo dessa pesquisa.

Marcuschi (2001, p. 25) colabora para o estudo ao definir a oralidade como:

[...] uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

Sendo, portanto, a oralidade uma prática comunicativa e de interação humana diária, vale ressaltar que se trata de uma prática recorrente desde o nascimento do ser humano, e que deveria merecer mais atenção das disciplinas escolares, a fim de contemplar o verdadeiro objetivo da escola e das propostas dos documentos de ensino, sendo uma, mais ampla, a de formar cidadãos críticos para atuação na sociedade, nos mais diversos contextos comunicativos e nas diversas áreas do conhecimento.

Não é de hoje que se observa nos estudos linguísticos a preocupação com o tratamento da oralidade como prática de uso da língua e, portanto, objeto de estudo no campo da Linguagem. Por sua vez, percebe-se também a limitação no que diz respeito às pesquisas acerca da concepção de oralidade por parte dos docentes das diversas áreas do conhecimento e algumas reflexões pertinentes para o desenvolvimento dessa habilidade no contexto de ensino e fora dele, embora as pesquisas acadêmicas já tenham avançado nesse sentido. Conforme Schneuwly (2011, p. 111), “temos poucas análises sobre o que é o oral para um dos principais atores do sistema escolar: o professor”.

Os documentos que norteiam o ensino no contexto brasileiro, como os PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais-Ensino Médio) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), destacam em seu conteúdo a importância de o aluno aprender a linguagem oral em diversos contextos de uso, de acordo com a necessidade comunicativa. Para tal desenvolvimento, os PCNEM (2000) consideram

relevante o trabalho com os gêneros orais, uma vez que são ferramentas fundamentais para desenvolver a linguagem oral em diversas situações comunicativas de uso da língua.

Ao mencionar a escola como espaço oportuno para explorar os gêneros “tipicamente escolares”, Antunes (2009) reconhece a importância da escola promover uma consistente intervenção didática com ênfase nos gêneros orais e que estes sejam próprios dos contextos públicos e que façam parte do cotidiano do aluno.

A BNCC (2017) também ressalta a importância do ensino da linguagem oral na escola, em diversos campos de atuação, tais como: campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública, campo artístico, além de nortear a produção de textos orais, escritos e multissemióticos. Enfatizamos a BNCC (2017), por se tratar de um documento norteador do ensino médio, que serve como base para o currículo escolar tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio e por se tratar de um documento que faz parte da realidade escolar dos professores pesquisados que compuseram o *corpus* desse estudo.

As quatro áreas do conhecimento da BNCC (2017): Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas orientam por meio de competências e habilidades a participação dos jovens nas diferentes práticas sociais através do uso das linguagens. Para o tratamento do nosso recorte, sendo este a oralidade, as competências e habilidades trazidas em cada área da BNCC sugerem o desenvolvimento dos alunos através da comunicação e esta se dá também por meio da produção oral. No quadro 1 deste trabalho, podemos observar alguns fragmentos da BNCC (2017) sobre a oralidade nas quatro áreas mencionadas, os quais destacamos em negrito os aspectos da oralidade.

#### QUADRO 1

A oralidade nas quatro áreas do conhecimento na BNCC (2017)

	(EM13LP14) <b>Produzir e analisar textos orais</b> , considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em
--	---

<b>LINGUAGENS</b> (BRASIL, 2017, p. 500)	questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.)
<b>MATEMÁTICA</b> (BRASIL, 2017, p. 520)	Após resolverem os problemas matemáticos, os estudantes precisam apresentar e justificar seus resultados, interpretar os resultados dos colegas e interagir com eles. É nesse contexto que <b>a competência de comunicar-se ganha importância. Nas comunicações, os estudantes devem ser capazes de justificar suas conclusões</b> não apenas pelos símbolos matemáticos e conectivos lógicos, mas também por meio da língua nativa, <b>realizando apresentações orais</b> dos resultados e elaborando relatórios, entre outros registros.
<b>CIÊNCIAS DA NATUREZA</b> (BRASIL, 2017, p. 545)	(EM13CNT302) <b>Comunicar, para públicos variados, em diversos contextos</b> , resultados de análises, pesquisas e/ou experimentos – interpretando gráficos, tabelas, símbolos, códigos, sistemas de classificação e equações, elaborando textos e utilizando diferentes mídias e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) –, <b>de modo a promover debates</b> em torno de temas científicos e/ou tecnológicos de relevância sociocultural.
<b>CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS</b> (BRASIL, 2017, p. 559)	<b>Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada</b> , respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Fonte: (Elaboração própria)

Apesar da oralidade estar presente nas salas de aula e, portanto, ser uma prática que leva à interação entre as pessoas, além de existir a preocupação explícita com o ensino da linguagem oral nos documentos oficiais que norteiam o ensino nas escolas brasileiras, “afirma-se frequentemente que ela não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas” (SCHNEUWLY, 2011, p. 125).

Neste sentido, surgem indagações pertinentes que norteiam o estudo e que buscam respostas para as reflexões no campo teórico-prático do trabalho com a produção oral em salas de aulas, especificamente no ensino médio e nas diversas

disciplinas escolares, uma vez que a linguagem oral permeia as diversas áreas do conhecimento. Sendo, portanto, exigido pela BNCC, o desenvolvimento oral nas quatro áreas do conhecimento, é sabido pelos docentes das diversas áreas que a linguagem oral deve ser trabalhada por todas as disciplinas escolares? O aluno ao chegar na escola, já tem desenvolvido a oralidade desde o convívio familiar, o que fazer com a oralidade em sala de aula, levando em consideração esse aspecto? Qual o entendimento em nível de importância dos docentes em relação à oralidade? O que ensinar na oralidade? Como ensinar a oralidade? O que o aluno do ensino médio aprende ou deveria aprender? Como os docentes ensinam a oralidade? Quais gêneros orais estão mais presentes nas práticas docentes?

Talvez uma questão inicial e que nos ajuda a refletir sobre a limitação dos estudos e conseqüentemente a importância de avançar nos estudos teóricos para a oralidade, está em Marcuschi (2001), ao refletir que a suposta concepção da supremacia da escrita sobre a fala não passa de um mito. O linguista reconhece a importância da escrita na contemporaneidade, porém admite que não é pertinente que se tenha qualquer tipo de supervalorização ou conceito de superioridade em relação à oralidade.

Dessa forma, e com uma perspectiva de fundar uma relação de contínuo na relação oralidade e escrita, Marcuschi (2001) colabora refletindo que oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não são suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. (MARCUSCHI, 2001, p. 17)

Desse modo, Schneuwly e Dolz (2011) colaboram para essa perspectiva de contínuo entre as duas modalidades da língua, assumindo que:

Portanto, para uma didática em que se coloca a questão do desenvolvimento da expressão oral, o essencial não é caracterizar o oral em geral e trabalhar exclusivamente os aspectos de superfície da fala, mas, antes, conhecer diversas práticas orais de linguagem e as relações muito variáveis que estas mantêm com a escrita. A constituição do oral como objeto legítimo de ensino exige, portanto, antes de tudo, um esclarecimento das práticas orais de linguagem que serão exploradas na escola e uma caracterização das especificidades linguísticas e dos saberes práticos nelas implicados. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2011, p. 140)

Considerando os PCNEM (2000), a BNCC (2017), bem como a fundamentação teórica de Marcuschi (2001) e Dolz e Schneuwly (2011) no que concerne à oralidade, é possível perceber a linguagem oral como parte fundamental para a comunicação e expressão de um povo, uma vez pertencentes a uma sociedade, na qual há necessidade de comunicar-se por meio da linguagem tanto escrita quanto falada.

Sendo assim, Dolz e Schneuwly (2011, p. 143) ressaltam que “aprender a falar é apropriar-se dos instrumentos para falar em situações de linguagem diversas, isto é, apropriar-se dos gêneros [...]”. Portanto, surge a necessidade de uma reflexão, ainda que breve, sobre os gêneros textuais, sobretudo com ênfase no trabalho com a oralidade a partir dos gêneros orais nas diversas disciplinas escolares e não apenas na disciplina de Língua Portuguesa, onde há uma cobrança maior para o tratamento da oralidade como prática discursiva.

### 3 GÊNEROS TEXTUAIS, ORAIS E ENSINO

Para Marcuschi (2008, p.147), “o estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda” e têm sido objeto de estudo em diversas Universidades nacionais e internacionais com a preocupação de uma prática que possibilite o desenvolvimento da linguagem em diversos contextos de uso. Marcuschi (2008, p. 147) menciona que “o estudo dos gêneros já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática, iniciou-se com Platão para se firmar com Aristóteles”. Essa observação nos mostra que o tema ainda apresenta diversas abordagens epistemológicas ao longo de décadas de estudos.

Hoje, os gêneros têm sido objeto de estudo, em especial em nosso contexto escolar brasileiro fundamentado em quatro escolas de estudos de gêneros: ESP (Inglês para fins específicos), ERG (Estudos retóricos de gêneros), LSF (Linguística sistêmico-funcional) e ISD (Interacionismo sócio-discursivo). Nesse sentido, nos importa apresentar alguns conceitos de gênero, postulados por estudiosos, em diferentes perspectivas de análise, com intuito de traçar um panorama até chegar à especificidade do nosso estudo.

Desde muitos anos, já foi construída a ideia de gênero de texto ou gênero do discurso. As teorias da linguística aplicada voltadas para essa área de

conhecimento destacam alguns posicionamentos teóricos. Bakhtin (1997) afirma que:

a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois, a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Para Marcuschi (2008), gênero textual é definido como uma noção vaga para os textos materializados, encontrados no dia a dia e que apresentam características sócio-comunicativas definidas pelos conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Miller (2012, p. 43) assume a perspectiva de gênero como forma de ação social e define os gêneros como “artefatos culturais”, o que nos faz refletir o gênero como meio de mediação e motivador de acordo com as exigências sociais.

Bazerman (2015, p. 40), por sua vez, contribui assumindo que “os gêneros textuais são, simultaneamente, categorias de formas textuais, formas de interação social e formas de reconhecimento cognitivo e de formação de motivações e pensamentos, caracterizada por exercer uma função social específica.” Isso equivale a dizer que, intuitivamente, sabemos que gênero usar em momentos específicos de interação, de acordo a sua função social e nossos objetivos pessoais.

Os PCN ressaltam que:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura (BRASIL, 1998, p. 21).

Desse modo, os gêneros surgem a partir da necessidade de se comunicar em determinada situação e contexto social, por isso, não têm formas puras e fechadas. São extremamente maleáveis devido à grande inovação tecnológica e mudança social. E, como elementos que atuam em diferentes contextos sociais, os gêneros agem com diferentes funções.

Uma das críticas de Marcuschi (2011) em relação às orientações dos PCN para o ensino a partir dos gêneros textuais é que o documento não nega a orientação do trabalho com os gêneros, porém não faz nenhuma referência para o ensino da oralidade.

A BNCC (2017), documento utilizado como base para o ensino, ressalta a consolidação do domínio de gêneros do discurso/gêneros textuais e a ampliação do repertório de gêneros, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão dada a complexidade das práticas da linguagem e dos fenômenos sociais.

No que concerne aos gêneros orais, estes têm sido entendidos pelos teóricos, como instrumentos linguístico-discursivos, construídos por meio da língua falada. Assim, para Dolz e Schneuwly (2011) “a ação de falar realiza-se com a ajuda de um gênero, que é um instrumento para agir linguisticamente” (2011, p. 143)

Até aqui vimos que os gêneros aparecem como forma de organizar os enunciados, possuindo particularmente um estilo próprio e agindo conforme necessidade da comunicação humana. Como a ação de comunicar-se, bem como o avanço tecnológico crescem gradativamente, os gêneros são incontáveis e difíceis de definir seus tipos e formas.

A linguagem oral nas escolas deve ser ensinada como objeto de inserção do aluno no mundo discursivo, ou seja, desenvolver nesses alunos a capacidade de usá-la nos mais diversos contextos de comunicação e fazer com que os outros também se comuniquem com esses sujeitos que estão envolvidos em determinados contextos de comunicação da fala. Conforme Dolz e Schneuwly (2011), “o papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras formas mais institucionais, mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores.

Segundo Schneuwly (2011, p. 117), “o oral não existe, existem os orais, atividades de linguagem realizadas oralmente, gêneros que se praticam essencialmente na realidade.

Surgem, portanto, outras indagações que nos inquietam em busca de respostas para o tratamento da oralidade nas salas de aulas, especificamente, para o ensino da oralidade nas diversas áreas do conhecimento, sendo elas: O que os alunos precisam aprender para garantir a comunicação em diversos contextos?

Caberia à escola a preocupação de ensinar os “gêneros orais”, levando o aluno à aprendizagem para o desenvolvimento das atividades comunicativas mais complexas em sociedade nas diversas disciplinas escolares?

Diante de tantas indagações, em específico, ao ensino da oralidade no ensino médio, analisaremos as respostas dos questionários aplicados aos professores da rede básica privada de ensino, com a finalidade de compreender a importância da oralidade nas disciplinas de atuação docente, bem como o tempo e o espaço destinados a essa prática no ambiente escolar, com ênfase no ensino dos gêneros orais nas disciplinas da área de atuação docente.

#### **4 ORALIDADE E GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA: AS PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MÉDIO**

O *corpus* de análise desta pesquisa é composto por um questionário online respondido por 15 professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, História, Geografia, Química, Matemática, Biologia, Filosofia, Sociologia e Música de uma escola da rede privada de ensino, localizada na cidade do Recife-PE. Este instrumento teve como objetivo principal fazer um levantamento das práticas docentes para o tratamento do ensino da oralidade no ensino nas disciplinas mencionadas.

No questionário enviado por meio de link online para cada professor, foram inseridas 8 questões que dizem respeito à importância da oralidade e do ensino dos gêneros orais na disciplina. Para fins de análise, organizamos os tópicos das discussões a partir das próprias questões elaboradas para os docentes. Para as discussões das respostas e visando assegurar o sigilo dos professores pesquisados, usaremos uma identificação com a sigla inicial da disciplina (LP= Língua Portuguesa) e havendo repetição de disciplina, acrescentaremos uma identificação numérica (LP1, LP2). Assim, o professor terá a mesma sigla em todas as questões, sendo possível observar a concepção de cada participante nas respostas analisadas. Portanto, para apresentar o formato de identificação das disciplinas e os respectivos professores, elaboramos o seguinte quadro.

**QUADRO 2**

Identificação de professores por disciplinas

<b>DISCIPLINA/PROFESSOR</b>	<b>SIGLA</b>
Língua Portuguesa	<b>LP 1</b>
Biologia	<b>BIO 1</b>
Biologia	<b>BIO 2</b>
Filosofia e Sociologia	<b>FIL &amp; SOC</b>
Biologia	<b>BIO 3</b>
Física	<b>FIS 1</b>
Música	<b>MÚS</b>

Geografia	<b>GEOG</b>
Língua Inglesa	<b>LI 1</b>
Língua Portuguesa	<b>LP 2</b>
Língua Inglesa	<b>LI 2</b>
Física	<b>FÍS 2</b>
Química	<b>QUÍ</b>
Matemática	<b>MAT</b>
História	<b>HIST</b>

Fonte: (Elaboração própria)

Para nossa análise, metodologicamente organizamos o estudo a partir das perguntas do formulário que estão relacionadas com o arcabouço teórico utilizado neste trabalho: (1) o ensino da oralidade e dos gêneros orais na disciplina, (2) a importância de desenvolver a habilidade oral, (3) o espaço e tempo para o planejamento escolar com ênfase na oralidade, (4) os gêneros mais trabalhados nas aulas, (5) o ensino específico dos gêneros orais solicitados pelo professor, (6) a orientação do livro didático para o ensino da oralidade na disciplina de atuação docente.

**4.1 O ensino da oralidade e dos gêneros orais**

A primeira questão do formulário foi elaborada de modo que os professores pudessem expressar a presença da oralidade e dos gêneros orais na disciplina da área de atuação docente. Fez-se a seguinte pergunta: Você trabalha a oralidade e os gêneros orais em sua disciplina?

Você trabalha a oralidade e os gêneros orais em sua disciplina?

15 respostas



**Imagem 1** – Ensino da oralidade e dos gêneros orais

Nas respostas, podemos observar que apenas 2 dos 15 professores, responderam que não trabalham com oralidade, tampouco com os gêneros orais em suas disciplinas, entretanto ao responderem a próxima questão que diz respeito ao desenvolvimento da habilidade oral pelo aluno, todos os professores mencionaram a importância desde o ponto de vista da disciplina na qual atua, contradizendo as respostas visíveis no gráfico descrito.

#### 4.2 A importância de desenvolver a habilidade oral

Com o propósito de apresentar a concepção da importância de desenvolver a habilidade oral por cada docente na disciplina em que leciona, a segunda questão colocada foi a seguinte: Para você, qual é a importância do desenvolvimento da habilidade oral pelo aluno?

#### QUADRO 3

Sobre a importância de desenvolver a habilidade oral do aluno

DISCIPLINA	RESPOSTAS
BIO 1	A importância é ampliar o leque de feedbacks que esse aluno pode te dar, ou seja criar outras possibilidades para ele ser melhor avaliado
QUÍ	Saber se expressar corretamente, ter habilidades orais para participar de discussões, debates, etc.
FÍS 1	É de fundamental importância pois é dia fatores primordiais para o

	crescimento cognitivo do aluno.
<b>GEOG</b>	Saber articular as ideias
<b>LI 1</b>	Essencial, caso contrário a aprendizagem do idioma não acontece de forma efetiva.
<b>FIL &amp; SOC</b>	Acredito, pela experiência em minhas disciplinas, que a importância da oralidade se dá pelo desenvolvimento das capacidades argumentativas do aluno. Eu os incentivo a, cada aula, se expressarem e debaterem as questões postas a cada momento.
<b>BIO 2</b>	Poder expressar claramente suas ideias.
<b>FÍS 2</b>	Ajuda no processo de comunicação, na timidez, e na oratória
<b>HIST</b>	Poder de argumentação.
<b>MAT</b>	Comunicar-se bem. Se fazer entender. Compreender textos.
<b>LP 1</b>	Há diversas situações (nos âmbitos acadêmico e profissional, por exemplo) nas quais o sujeito tem de estar preparado para manifestar seu pensamento oralmente e em público. Assim, é fundamental que o aluno da educação básica desenvolva plenamente sua oralidade.
<b>BIO 3</b>	Interpretação
<b>LP 2</b>	Através dessa habilidade, pode mostrar sua linha de raciocínio através da socialização com os demais.
<b>LI 2</b>	De primordial importância para se expressar corretamente e tb para entender
<b>MÚS</b>	Fundamental, posto que os conteúdos necessários para a experiência de aprendizagem da música naturalmente exigem a habilidade da oralidade, entre outras habilidades que se relacionam reciprocamente.

Fonte: (Elaboração própria)

Embora na questão 1, apenas 02 professores tenham mencionado que não trabalham com a oralidade, nem com os gêneros orais em sua disciplina, na segunda questão, todos os professores declararam a importância da prática oral no ensino, além de citarem algumas considerações específicas. Apesar disso, nenhum professor mencionou a importância do trabalho com a oralidade na perspectiva social, contemplando o uso da linguagem nas diferentes práticas sociais, como orientam os documentos oficiais mencionados neste estudo para o trabalho com essa modalidade, a fim de fazer nascer os gêneros textuais de acordo com a necessidade de comunicação. Conforme mencionado anteriormente, de acordo com Marcuschi (2001) a oralidade condiz a uma prática social interativa que se mostra por meio dos gêneros textuais.

De modo geral, observamos que os professores associam a importância da oralidade ao desenvolvimento cognitivo dos alunos, o que remete ao ensino/aprendizagem individual e não em uma prática social de uso da língua oral,

como proposto pelos estudos apresentados. No que diz respeito à preferência pela cognição, podemos observar nas respostas dos seguintes professores: **FÍS 1, GEOG, BIO 2, FÍS 2, MAT, BIO 3, LP 2, LI 2.**

#### 4.3 O espaço e tempo para o planejamento escolar com ênfase no ensino da oralidade

A terceira questão, por sua vez, foi elaborada para conhecer a disponibilidade do tempo dedicado ao ensino da oralidade pelos professores.

Quanto tempo você disponibiliza em seu planejamento escolar para o trabalho com a oralidade em sala de aula?

15 respostas



Esta prática acontece sem que seja dito do que se trata. Não existe uma formalização quanto ao estado da temática. Ela está implícita no estudo da História.

Imagem 2 – Planejamento de aulas com ênfase na oralidade

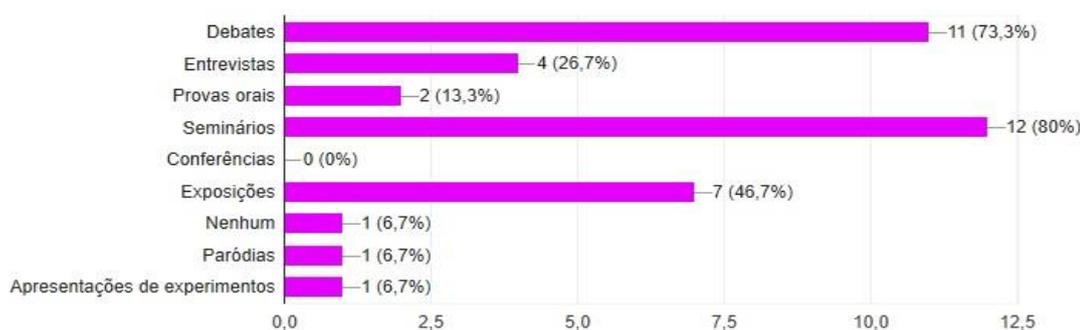
Para a análise dessa questão, fizemos a seguinte indagação: Quanto tempo você disponibiliza em seu planejamento escolar para o trabalho com a oralidade em sala de aula? E, pudemos observar que 48,75%, percentual que equivale a 7 professores se dedicam as práticas de oralidade nas disciplinas que atuam. Apesar de mencionarem sobre o espaço dado ao ensino da habilidade oral nos planejamentos, alguns professores especificam que não há necessidade de se apresentar como uma prática de ensino explícito, como podemos observar na legenda de cor verde, destacada na imagem.

#### 4.4 Os gêneros mais contemplados nas aulas

Na quarta questão, nos preocupamos em analisar as preferências dos docentes no que diz respeito ao trabalho com a oralidade associada aos gêneros textuais, embora as respostas da segunda questão não deixem tão evidente esta prática nas disciplinas. Schneuwly e Dolz (2011) anteriormente mencionam que antes mesmo de desenvolver a expressão oral é necessário conhecer as práticas orais da linguagem. Para tal questão, indagamos o seguinte: Quais gêneros orais estão mais presentes em sua prática docente? Marque mais de uma opção, se for necessário.

Quais gêneros orais estão mais presentes em sua prática docente? Marque mais de uma opção, se for necessário.

15 respostas



**Imagem 3** – Os gêneros orais mais solicitados nas aulas

Dos quinze professores, onze aproximaram as respostas, considerando o gênero debate, como o gênero oral mais recorrente nas disciplinas e doze professores citaram o gênero seminário como gênero mais presente nas práticas docentes. Nesta questão apenas um dos quinze professores afirmou não fazer uso dos gêneros orais em sua disciplina. Em linhas gerais, os docentes consideram o debate e o seminário como formas possíveis de desenvolver a oralidade nas disciplinas que ministram. Apesar de observar a preocupação com a prática argumentativa a partir dessas respostas, especificamente, não podemos afirmar que essas práticas aconteçam de forma consciente para o desenvolvimento dos alunos nas diversas práticas discursivas.

#### 4.5 O ensino explícito dos gêneros orais

Ao indagarmos sobre os gêneros orais mais solicitados nas disciplinas, perguntamos na sequência a seguinte questão: Antes de solicitar aos alunos, você ensina antecipadamente as características desses gêneros orais e sua importância?

Antes de solicitar aos alunos, você ensina antecipadamente as características desses gêneros orais e sua importância?

15 respostas

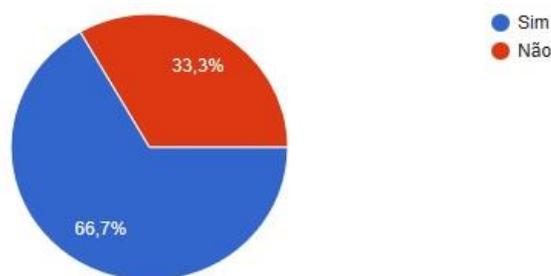


Imagem 4 – Ensino explícito dos gêneros orais solicitados

Apesar das diversas possibilidades de trabalho com a oralidade, ancorada ao ensino dos gêneros orais, observamos nas respostas dos docentes que 33,3% (o que equivale a cinco professores dos quinze) mencionaram não ensinar o gênero que solicitam nas aulas da disciplina. Dolz e Schneuwly (2011) ressaltam que a escola deve propor aos alunos formas que ultrapassem as produções orais vividas por eles no cotidiano com a finalidade de aproximá-los de situações mais formais e situadas por restrições exteriores.

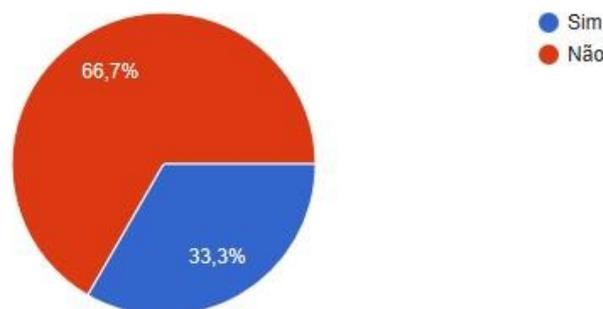
#### 4.6 O ensino dos gêneros orais pertence a disciplinas específicas

Para essa questão, tomamos como ponto de partida duas indagações, entendendo que as duas se relacionam: Você entende que o trabalho com a oralidade é específico de algumas disciplinas escolares? e Se você marcou sim na questão anterior, marque qual(ais) disciplina(s) você acredita que deve(m) ser

responsável(eis) pelo desenvolvimento das habilidades dos gêneros orais pelos alunos. Marque mais de uma opção, se for necessário.

Você entende que o trabalho com a oralidade é específico de algumas disciplinas escolares?

15 respostas

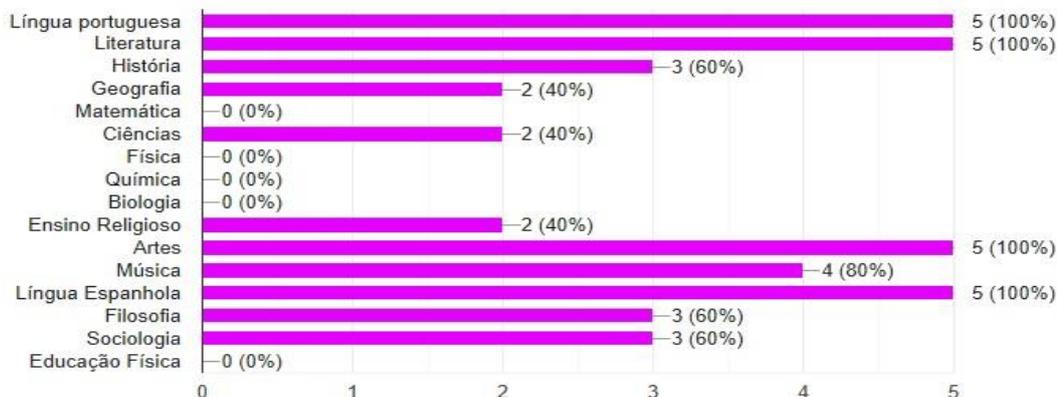


**Imagem 5** – Ensino dos gêneros orais específicos de algumas disciplinas

Percebemos que cinco dos quinze professores, entendem que o trabalho com a oralidade é específico e deve ser trabalhado por disciplinas específicas. Esse número nos ajuda a refletir que embora os gêneros orais se façam presente nas aulas de 14 docentes (**Imagem 3**) percebemos que os professores ainda têm uma visão mais específica o que nos leva à consideração do tratamento superficial dos gêneros orais nas disciplinas. No tocante às disciplinas que os docentes acreditam que devam ser responsáveis pelo ensino e desenvolvimento da habilidade oral, tivemos o seguinte gráfico de respostas.

Se você marcou sim na questão anterior, marque qual(ais) disciplina(s) você acredita que deve(m) ser responsável(eis) pelo desenvolvimento das habilidades dos gêneros orais pelos alunos. Marque mais de uma opção, se for necessário.

5 respostas



**Imagem 6** – Disciplinas avaliadas pelos docentes como responsáveis pela oralidade

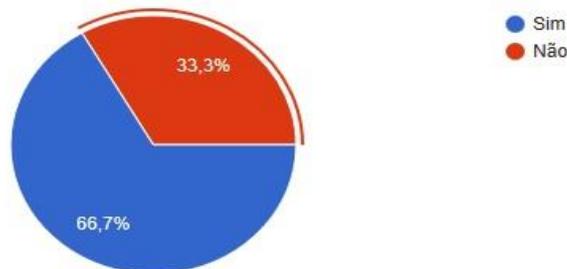
As respostas para essa questão nos mostram que a prática de ensino da oralidade distancia-se das práticas propostas pelos documentos oficiais, especificamente a BNCC (2017) nas 4 áreas do conhecimento. O documento ressalta, em linhas gerais, a ampliação da autonomia e da autoria nas diversas práticas de linguagem, bem como a consolidação do domínio dos gêneros textuais. Além da preocupação em todas as áreas do conhecimento de mostrar a importância do desenvolvimento da argumentação e a realização de apresentações orais.

#### 4.7 A orientação do livro didático para o ensino da oralidade

A última questão da pesquisa diz respeito ao tratamento da oralidade nos livros didáticos utilizados pelos professores na sua área de conhecimento. A indagação foi a seguinte: No livro didático que você utiliza como recurso pedagógico, há alguma orientação para o trabalho com a oralidade e os gêneros orais na esfera escolar?

No livro didático que você utiliza como recurso pedagógico, há alguma orientação para o trabalho com a oralidade e os gêneros orais na esfera escolar?

15 respostas



**Imagem 7** – A oralidade nos livros didáticos

Podemos perceber que 33,3% dos professores, o que corresponde ao número de cinco docentes, afirmaram que o livro didático não traz nenhuma orientação para o trabalho com a oralidade, tampouco para o trabalho com os gêneros orais. Reconhecemos que esse seja o ponto da limitação do nosso estudo, uma vez que não é o foco da nossa abordagem. Ressaltamos, portanto, a necessidade de um desdobramento da pesquisa, a fim de aprofundar a limitação reconhecida nesse estudo e que de alguma forma consiga intensificar a preocupação de novos estudos linguísticos que lancem mão da discussão sobre a oralidade nos livros didáticos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da oralidade se fazer presente cotidianamente nas salas de aulas, nem sempre as disciplinas escolares do ensino médio a contemplam como prática discursiva a ser trabalhada por todas as áreas do conhecimento, contribuindo assim, para a ampliação do mito de que a oralidade é uma prática a ser desenvolvida pela disciplina de Língua Portuguesa. Por isso, a proposta da pesquisa foi identificar a partir da concepção da oralidade nas práticas docentes como se ensina e se desenvolve a produção oral nas diferentes disciplinas, levando em consideração o papel da escola para o desenvolvimento dessa modalidade da língua falada.

Em geral, percebemos algumas contradições nas respostas do questionário pelos docentes, o que nos remete à reflexão de que apesar da consciência da

importância do ensino da oralidade nas disciplinas nas quais atuam, há ainda um caminho a se avançar para o tratamento de práticas discursivas para o ensino da modalidade, pois, da forma que as respostas foram dadas, nos leva a refletir que a prática da oralidade tem sido desenvolvida pelos docentes de forma artificial. Ressaltamos que os resultados discutidos nos apontam para a importância da formação continuada e de materiais didáticos para o ensino da oralidade não apenas como habilidade a ser desenvolvida pela disciplina de Língua Portuguesa mas por todas as disciplinas que compõem o currículo do ensino médio, como podemos mencionar anteriormente.

Considerando as análises realizadas das respostas dadas no questionário, há uma necessidade de promover estudos orientados para a prática da oralidade como uma prática discursiva a ser desenvolvida nas disciplinas não apenas do ensino médio, mas nos demais níveis de ensino, como a educação infantil, ensino fundamental, educação superior, pós-graduação, entre outros espaços igualmente importantes e que se utilizam das práticas da oralidade.

Sendo assim, sugerimos, por fim, a possibilidade de um desdobramento da pesquisa para o desenvolvimento dessa modalidade nas disciplinas que compõem o ensino médio da educação básica e de modo que se discuta e se aplique, a fim de desenvolver nos alunos o uso da oralidade nas diversas situações comunicativas por meio dos gêneros textuais orais.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2017. (Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>).

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental, 1998.

DOLZ, Joaquim. SCNEUWLY, Bernard. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: \_\_\_\_\_. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 125-155.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. Signótica, Goiás, v.9, n.1, p. 119-145, jan/dez, 1997.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, J. et. al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.